



Dor & Amor

Poesias

R. C. Zímmerrl'

R. C. Zímerl'

Dor & Amor

Edição especial Gratuita

Todos os Direitos Reservados.

Se desejar copiar alguma das poesias aqui contidas, no todo ou partes delas colocando em seu site, cadernos, cartas, Blogs, trabalhos escolares ou mensagens, desde que sem fins comerciais, sinta-se a vontade para fazê-lo, apenas não se esqueça de citar o autor. Qualquer outra forma de uso, cópia ou veiculação só é permitida com autorização expressa e por escrito do autor.

www.ITABRA.com

São Paulo

2009

Prefácio

Sempre fui um apaixonado pela vida e, embora reconheça a grande benção que é a morte, que, por mais profunda a escura que seja a prisão, sempre nos liberta, que dá fim a tiranos e déspotas, por mais poderosos que sejam, que permite a renovação da vida, a distribuição das oportunidades e bens e que valoriza ainda mais o pequeno tempo que passamos por este mundo, não posso deixar de sentir angústia ante ao que sucede a esta "limpeza". Se não houver nada além será uma grande lástima que tantas pessoas maravilhosas, as pessoas a quem amei e outras que jamais tive o privilégio de conhecer, se percam para sempre nas brumas do tempo. Mas se houver algo, almejo que a Misericórdia Divina seja profusa de modo a que todos nós possamos um dia estar juntos "no Eliseu Eterno, onde a Morte termine".

São Paulo, 25 de outubro de 1987 A.D.

ACENDEREI

Ascenderei à luz acesa
no reduto dos imortais,
onde brilham mil estrelas
ao olhar dos animais.

Acenderei a eterna noite
com o fulgor das paixões,
com a grandeza das maravilhas
entre rugidos de leões.

Acenderei a luz da cova
no brado do amanhecer;
da noite, tirânica era,
nas forças do Eterno Ser.

Acenderei a luz do fosso
com o fulgor da última aurora.
e gritos de horror esperam
todo aquele que se vai embora.

São Paulo, 29 de agosto de 1988 A.D.

Suicídio

I

Vejo arrastar-se nas sombras
o triste escárnio do ser,
o feral cofre das obras
daquele que vai morrer.

O monstro que traz a dor
e a agonia da funérea sorte,
quem cala os sons do amor,
aquele cujo nome é Morte.

A dama das vestes sombrias,
do beijo de rubor gelado,
a qual possuir querias,
ó infame, atormentado.

Em desespero aparente
a vida a ela se entrega
e o réprobo , eternamente,
sob o lodo ela carrega.

Na infinita vastidão
este infeliz ela escraviza
e em eterno mar de solidão
o pobre ser ela martiriza.

II

O gesto insano que pôs termo a vida
só tormentos trouxe pela eternidade:
apagou da mente a infância querida,
lembrou desesperos, cruel maldade!

Ei-la, a mente, afundada em trevas
recordando o triunfo do letal ato.
Teu nome a Deus em oração elevas
Suplicando o fim deste infausto fato.

Ouvis os mortos! Invisível mão...
Apalpar as trevas, tateando tatos.
Tocar de leve, ubíqua lesão...
Lembrar ao ser os cruéis atos.

Vêem, teus olhos, com tétrico horror
o teu corpo só, pútrido, inerme
e o teu coração a pulsar de dor
na pequenez do imundo verme.

III

Trocaste uma vida cheia de amores
por um lugar sombrio, fétido e mau.
Um deserto triste, de fogo sem cores,
de um frio eterno, de fogo glacial.

Beijes agora a tua musa escarnada,
já que a abraçaste ao findar a vida!
Embarques nessa nau temida
e rume por tão vil jornada,
ao lado desta terrível "Nada".
E vãmente busques tua paz perdida
pois ceifaste-a ao deixar a diária lida,
pelas desgraças de tua mente iludida!

IV

Pobre réprobo, que dolorosa agonia...
Praticastes em ti mesmo o terrível mal!
Não vereis mais a arte, o canto, a poesia;
vivereis para sempre um tormento infernal.

V

Porém não julguemos a perda sofrida:
cabe-nos a oração e a reflexão
sobre aquele que abreviou sua vida
para sofrer numa infinda prisão.

Abreviar a vida... Hediondo crime!
Que direito será que o homem tem,
para eliminar algo de tão sublime
que deu-nos Deus para realizarmos o bem?!?

São Paulo, 22 de outubro de 1988 A.D.

Mulher

Serei o que eu quiser
no rastro de uma mulher.

Serei como uma flor
no jardim de seu amor.

E viverei eternamente
no seio de sua mente.
Dessa mulher triunfante,
entre beijos navegante,
em sua volúpia e ardor;
do vagalhão de seu amor
verte paixão seu semblante.

Viverei nessa mulher
e tê-la-ei como quiser
ao meu lado perpetuamente,
pleno da volúpia envolvente
do amor dessa mulher.

Nesse amor que nos envolve
como ar, e nos comove
a natureza abrocha em flor.
Celebrando a união,
em um só coração
das nossas vidas e amor.

Belo é o prazer de a amar
e em seu corpo navegar,
em seu amor "caliente"
do seu corpo envolvente,
saboreando-o totalmente.
Ao seu lado quero estar!

Serei o que eu quiser
no rastro dessa mulher,
desse amor que me alucina
e cativa minha alma
qual lírio, qual palma
no colo de uma menina!

Serei o que eu quiser
e para sempre viverei
a amar essa mulher!

São Paulo, Janeiro 2006

Quem sabe...

Quero mergulhar no mais profundo do seu ser
Para descobrir seus mistérios, seu medos
Conduzi-la por estradas seguras, protegê-la
e te libertar de si, de suas angústias.
Torná-la uma nova mulher, plena e feliz
E, quem sabe...
Quando isso ocorrer você possa me olhar
nos olhos e dizer que me ama
que me ama tanto quanto eu amo você.

São Paulo, 1 de dezembro de 2002

Versinho

Poesias são rosas nas formas de versos,
que cantam suave canção,
murmúrios de nossos universos,
suspiros do meu coração.

São Paulo, 3 de agosto de 1989 A.D.

À natureza

Amo-te estrela cintilante,
Amo-te Sol a me esquentar,
Amo-te Lua, tema amante,
Amo o ato de te amar.

Dou-te-me hoje, a cada instante.
Dou-te-me sempre, eternamente.
Tu és bela, tu és constante.
Quero-te bem, feliz, contente!
Sou teu já, minha querida.
Somente por ti morro de amores
e de ti não aceito despedida!

És tão pura, docemente...
Beleza feita de infinitas cores,
tu és tudo, a própria vida.

São Paulo, 09 de agosto de 1989 A.D.

A VIDA

A vida, doce lampejo
do amor e da ternura,
enlouquecida pelo desejo
é coberta pela amargura.

A vida de serena mansidão
à vida do vivo vivente
é vida de um coração
vivendo a vida plenamente.

A vida sem indiretas
ou por caminhos do prazer,
estradas por vezes incertas
que arrebatam todo o ser.

Viver e estar vivo,
ensandecido na existência.
Verbo puro, intransitivo.
Doce alvura ou penitência?

Viver! Até que um dia,
já vivenciada toda a sorte
advém a descoberta, que alegria,
de que se vive após a morte!

São Paulo, 09 de agosto de 1989 A.D.

Menina morena

Encontrar-te na alvorada,
doce menina morena,
imaginar-te desnudada
de expressão calma e serena.

Se te visse enlouqueceria,
sem vê-la também enlouqueço.
Possuir-te me destruiria
de amor, então padeço.

O teu olhar me desarma,
o teu sorriso me alucina,
talvez seja meu carma
amar-te, linda menina.

Espero um dia, morena,
resolver esta questão:
se amar-te vale a pena
ou se isto é pura ilusão.

Se for só ilusão,
um simples sonho de amor,
então meu coração
despedaçar-se-á em grande dor!

Mas, se este amor valer,
encontraremos a felicidade
unidos como um só ser
a amar pela eternidade!

São Paulo, 1 de setembro de 1989 A.D.

O Sol eterno

Vendo a brisa sombria,
que fulgura na negra noite
e lança folhas na pradaria,
brilha o céu da tua morte.

Lembras do dia que foi belo
no qual o Sol viu-te, a mocidade.
Vivencia a vida, transpõe o elo
e já cintilas pela eternidade.

Abandonas de teu corpo o seio
e de tua juventude o verão,
o que já não é, mas que te veio
a fim de ampará-lo nesta solidão.

Eis teu medo de outrora, infundado.
Pois de beleza vês toda a sorte,
O cosmo universal, por ti habitado
que fulge pela luz da tua morte.

São Paulo, 17 de outubro de 1990 A.D.

À

Quando a olhei perdi meu caminho,
consolado no tempo por teu jeito felino
de me amparar, não me deixando sozinho.

Vislumbrei a ternura de teu esplendor,
em teu gesto e falar senti teu carinho
em teu jeito de olhar admirei teu amor.

Talvez não possa dizer-te agora
que longe de ti meu dia é tormento,
minha noite é tédio, o ar me sufoca,
a vida sem ti é só sofrimento.

Talvez seja por medo que teu gesto macio
de meu tato se esvaia, deixando teu nome.
E então ao meu lado só fique o vazio
e, num bloco qualquer, o teu telefone.

São Paulo, 2 de maio de 1991 A.D.

Vaidade

Não quis eu, em poesia, criticar
o que, na realidade, é tão visível:
por tão fúteis coisas a se orgulhar
mostras-te um ser mui desprezível.

Apraz-lhe o ego enaltecer
e dos outros desdenhar.
Porém saibas, irás envelhecer
e, como todos, se acabar!

De teu corpo, volúpia e beleza;
de teu rosto, formosura e maciez;
mas de ti, antipatia e frieza!

E quando já não fores mais bela
e a volúpia do teu corpo ter-se esvaído
sobrar-te-á, de lembrança, aquela
de um amigo no passado perdido.

Do amigo que ousou amá-la
que quis-lhe a felicidade
e, mantendo-se em insensatez,
amá-la-á pela eternidade!

São Paulo, 2 de maio de 1991 A.D.

Do positivo ao negativo

Percorre, o elétron, o árduo caminho
iniciado num gerador, mas não segue sozinho:
do turbilhão magnético que está a girar
incontáveis elétrons partem sem parar!

Junto aos irmãos caminha no metal,
com rapidez próxima à da luz,
movido por uma "diferença de potencial"
batizada "voltagem" que o conduz.

Tantos elétrons por segundo, na amostragem,
o elevado número de "Coulomb" nomeado,
mostra-nos, da corrente, sua "amperagem".

E a energia de sua passagem
até o ponto extremo, negativado,
é, por todos, chamada "wattagem".

Cornélio Procópio, 24 de Abril de 1992 A.D.

Meu sonho és tu

Vago no tempo, errante...
Onde que eu vim parar?
Caminho dentro de um sonho
Êm qual busco te encontrar.

É nessas horas eternas,

Minha querida rainha,
Impérios por sobre a Terra,
Ninguém ai me detinha!
Havia um recanto dourado,
Amor de meu coração,

Fui eu lá encantado,
Encantado por tua canção.
Lutei sem qualquer motivo,
Ilhéu neste mar de ilusão,
Chorei para vences e vivo
Imerso nesta oração.
Dei-te minha alma cativa,
Abri-me inteiro a ti;
Do amor, és tu nativa
Em meu coração a estrugir:

Cornélio Procópio, 25 de abril de 1992 A.D.

O outro lado da carta

O outro lado da carta
que em minhas mãos recebi
tanta beleza retrata:
ela foi escrita por ti.

Ouvi tua voz melodiosa
sussurrando em meus ouvidos
tão bela quanto uma rosa
e agradável aos sentidos.

Pensei que estivesses presente
tamanha é a minha saudade,
mas percebi infelizmente
que não estavas, de verdade.

O pranto então emergiu
caiu em mim a solidão,
senti-me assim tão inútil
com aquela carta na mão.

Pois queria poder abraçá-la
e para sempre te amar,
eternamente a deixá-la
junto a mim a sonhar.

Porém a carta, somente,
é o que tinha comigo,
longe estavas, realmente,
e é por isso que digo:

Do outro lado da carta
está a minha felicidade
pois a escrita retrata
a quem amo de verdade!

São Paulo, 14 de agosto de 1995 A.D.

Lembrança

Doce falta que me fazia
a mulher, flor do passado,
que fulge em minha ecmnesia
radiante e bela, ao meu lado.

Sob a luz dimana a vela
lembranças que minh'alma vela
deste grande amor revel.
Bem de minha juventude,
tempo no qual amiúde
encontrava-me perto do céu.

De ti despeço-me em outrora,
vivo, em meu coração, contigo.
Pois, Rúbia, se fui teu amigo
hoje, você em meu amor mora.

Cornélio Procópio, 1992 A.D.

O homem

Houve uma fera, no silêncio entocada;
Ao ver-se em perigo começou a gritar,
Presa pelo inimigo em tão vil emboscada
preparou o bote para logo matar.

Atinando que não conhecia o inimigo
começou-lhe, o medo, o coração gelar.
Sua mente previu um grande perigo
do qual seria impossível escapar.

Preparou defesas, armou ciladas,
mas o inimigo as suplantara.
Viu que eram por demais arriscadas
e que de nenhuma escaparia.

Confusa e aturdida por não ter escapatória
começou a rever sua força e poder
mas, perante o inimigo, era insatisfatória
qualquer coisa que a fera pudesse fazer.

Assim, deu-se conta, a pobre fera
de que nada seria capaz .
O seu próprio medo, então, a vencera
e já não lhe restava nada mais.

Sua existência o que significava?
Era o que indagava a pobre fera
e analisando o que lhe restava
concluiu, por fim, que nada era.

Cornélio Procópio, 03 de julho de 1992 A.D. (data de compilação).

Caminhos à noite

Me vou a vagar pela noite
procurando sem nunca achar,
indo a esmo, fitando o horizonte
afogado no umbral do negro mar.

Brado um grito surdo, no silêncio a cantar
cânticos calados, soluçados na amplidão;
Vozes inexistentes sempre a esvurmar
os fantasmas passados do meu coração.

Réquiem de gemidos, soprados ao vento,
nas trevas do vazio, onde tudo é perigal;
sinistra sinfonia de uma orquestra magistral
acalenta minha alma, vida, pensamento.

O orvalho noturno, ao molhar-me, fazia
com que sentisse o frio da insensatez,
abraçando-me todo cortês
para render-me nesta porfia.

Por estes caminhos de ruas desertas
peregrino só, atrás desta flor.
Rumo calado, estradas incertas,
onde se encontra o meu grande amor?

Este amor que encontrei na fugacidade
do tempo do mundo em que o perdi.
Quero reencontrá-lo na eternidade
onde, é verdade, sempre o vivi.

Cornélio Procópio, 3 de julho de 1992 A.D.

A morte

Grito de dor e recolho meus destroços
perdidos no orvalho desta noite infecunda,
pois a letargia larval da carne imunda
leva a corrupção até aos meus ossos.

Angustia-me ver o ser tão medonho
no qual transformei-me pela desgraça.
Deixarei o fétido pó por herança
após a hórrida e macabra festança,
do derradeiro e insólito sonho
da putrefação absoluta da minha raça.

Ainda que ousassem dizer impropérios
pelos vexames que são suas feridas,
ninguém escaparia dos cemitérios,
os lares eternos das carnes prostituídas.

Obediente porém a estas normas
vou transformar-me em novas formas
que na sensualidade da simbiose
pasmam em lúgubres prazeres
uma multidão de famintos seres
que autopsiam a minha neurose.

Eis que no eterno lar subterrâneo,
no frio das noites derradeiras,
com incontáveis larvas companheiras,
repouso cansado o meu crânio.

E todo aquele viver augusto
dos curtos anos do meu meretrício
abandonou este ser vetusto
neste orgíaco orbe do vício.

Sapróbios e gusanos façam-me companhia
na úmida algidez desta morada fria,
levai vossas vidas devorando-me a mim.
Que essência, que gosto, é fato perfeito
pois sou vosso prato, maternidade, leite...
Jamais tive tanta utilidade assim!

Larguei o egoísmo do nascimento
pelo aberrante sonho dos suicidas
e a despeito de meu consentimento
venho a mutar-me em novas vidas.

No turbilhão desta última existência
quando findar-se também esta euforia
ver-se-á, quiçá, liberta minha demência
na eterna fugacidade da energia.

São Paulo, 17 de abril de 1993 A.D.

Ode à morte

Eido do humano pardieiro
onde o mesmo por fim repousa,
branca bacante final, esposa
do homem em seu sono derradeiro.

Pecha pervígil dos sem postrídio,
dos perdulários da própria existência,
atro rastejante, infenso ofídio,
poterna do efúgio de toda a indolência.

Tebaida dos inquietos, eterna vigília
daqueles que dormiram enquanto viventes,
revele-lhes os segredos supervenientes,
o lar final, a última família.

Os seres perituros com vasta jactância
zombam de ti e de teu glorioso ofício
mas, sem tir-te nem guar-te, teu meretrício
draga-lhes, inexoravelmente, a alma insana,
dos gáudios, da psicastenía de infância
como horrenda helobdela procustiana.

Das ferinas larvas lhes dais as hécebras
que acariciam num rastejo de cobras
os hirsutos ossos, refugos da efusão
da sibarita essência de viver
pois, de todas, as últimas verdades são
as do lusco-fusco do não ser.

Espurcícia da vida final, a morte;
lividez do sabagante, a hebetude;
exara o érebo do estro rude
que o homem é teres desta sorte.

Sua gambeteante vida, o amor,
volve com simbiose, em fuga!
Progênie da acossante dor
que o prândio final estuga.

Prolate pois, elado juiz,
o fim de meu pantagruelismo
porque sei que a causa do cinismo
é o medo das coisas que não fiz.

São Paulo, 12 de setembro de 1994 A.D.

O Futuro

No pouco espaço, o meu corpo circunscrito.
Parcos são os limites de minha existência.
Frágil invólucro confundido com a essência
é o mórbido feito por meu nome descrito.

Dezenas de quilos de minha vida
elo único meu com este mundo;
a cada dia aproxima-se o segundo
no qual acabar-se-á o vínculo da lida.

E minha alma, por onde estará?
Quais os destinos que a esperam?
Qual tormento afligi-la há
ao seguir os que já faleceram?

Oh, Deus, acolhida Vos peço,
livrai-me da carga do pecado e defeito,
de faltas e falhas, do egoísta sucesso
que fulgem ante a minha face pasma
emanando profuso aroma de miasma
na conclusão do trabalho por mim feito.

Mas, se mui indigno de Vosso perdão, porém
por mais errôneo que eu seja, imperfeito,
Vossa misericórdia maior será!

Amém.

São Paulo, 7 de maio de 1993 A.D.

Filho meu

Sangüíneo rebento de minhas entranhas,
gigante telúrico, eiva de meu falo,
como pude, eu, assim, hebetamente criá-lo
de forma a ver-te em ações tão estranhas?

És flagelo jactancioso da herculice jovial,
perdulário de sua pobre alma humana,
que jazes na estultice insana
no nenhures, pelas hécebras do mal.

A memória de teu pai lanças aos ares,
o senecto caminho que a ti ergueu,
por isso dize, dize filho meu
o que te fiz, eu, para assim tu me tratares?
Acabrunhando-me com os revoltos mares
que surgem do crânio teu?!

Ao nosocômio sampas teu hígido pai,
lôbrega senda, caminho deletério,
pródromo grotesco do soturno cemitério
onde para sempre repousar minh'alma vai.

Diga, filho meu...

O que te fiz eu
para assim me desprezares?

Nas cãs deste teu pai vetusto
observas tua própria sina
Teu futuro... Uma vida que desatina
por teu procustiano e obnóxio hausto.

Sim, filho meu...

Digo-te, digo eu
que assim qual me tratares
tratar-te-ão os indômitos mares
que rebentas sobre o pai teu!

E este será o postrídio vosso:
A felicidade paleada de um insano.
Por quem, enfim, lamentar já posso,
vendo-o perdido neste infenso engano.
Rezarás para morrer na juventude
pois o senil é o érebo para ti.
Da forma que me trata assim vi,
mas deixar de envelhecer não pude!

Outrora tinham-nos por sábios ...

Hoje? Estorvo e nada mais!

Mas a velhice é o tal cais

no qual todos esperam repousar;

não prevêem o fim sombrio

quando a morte que nos leva a vida a fio

nos pára de infectar teu ar.

É, filho meu, este velho genitor teu

lutou e cansou sua mente

para criar um pérfido delinqüente

que para longe de si lhe bateu.

Mas sempre saiba, louca criança,

que os elísios campos da esperança

aguardam teu idoso pai.

Sabedor de ter cumprido o dever

de ter sustentado e educado teu ser

e que hoje, em desgraça, vai.

Filho, embora longe dos braços meus

quero a ti com amor expressar

o meu último e derradeiro adeus.

São Paulo, 2 de setembro de 1995 A.D.

Estrofe

Magdeburgo,
Brandeburgo,
outro burgo:
o coração.
Queima a alma
a tristeza.
Chama a vida,
que dureza;
esta dor
se fez canção!

São Paulo, 8 de janeiro de 1996 A.D.

Carrossel

Vida;
há menos males na vida.
Há menos vida nos males.
Há males, menos vida;
vida há, menos males.
Há vida e menos males.
Males, vida há menos.
Vida, menos males há...
Menos
males há ?

São Paulo, 8 de novembro de 1994 A.D.

Clamor

Caringa, cármina, dardam!
Rogos que perpassam o amanhã,
fogos consumidos no afã
da vida desregrada desta rã.

Rã que representa o porvir
dos povos que hão de a sentir
nas trevas que não cessam de luzir
dos dias passados do advir.

Deste verbo perfeito que ainda vem
e daquele advérbio que lhe há também
cujo substantivo é seu próprio bem
na conjunção que lhe faz porém.

Ao fim deste tempo seral
vencendo por completo todo o mal,
o imenso herói, de fato o tal,
que outro, como ele, não há igual!

São Paulo, 14 de agosto de 1995 A.D.

Prudência

Vinde, eternidade dos mortos!
Fora da luz, augusta e bela;
chegai para o que não vela
vagueando em caminhos tortos.

Que a sua feiúra crua
para dentro da carne flua,
trazendo a rigidez às mãos.
Que a estrofe que proponho
seja um gurnido sonho
levado por pensamentos vãos.

Que o aljube no qual te nutres
cortejada por tramposos abutres
rompa-se-lhe, a vida morta.
Ei-lo, o que o poeta exorta
para livrar-te do pando hipogeu:
Pensai no que me aprofundo,
livrai-se da tristeza do mundo
pois ela é problema seu.

Lutai incansável pela Vida
para na morte ter terna acolhida
de tempo que podes adimplir;
não tendo a existência vaga
de vida que se não paga
e não se pode mais possuir!

São Paulo, 16 de agosto 1995 A.D.

Ambíguo

Ser que me olhas insatisfeito,
criatura cuja própria essência renega,
alma, para o sublime amor, cega;
desejosa dos prazeres do leito.

Miséria de natureza singular,
que infinda a tristeza que sinto,
ao atender os caprichos do instinto
fá-la alma torpe, a chorar.

Abandonada assim à modorra,
sensação intrínseca ao gemido
que conduz afastado o bem, vencido,
aos gritos para que, exasperado, morra.

Mas oh alma, lutai! Vede,
que a carne na morte lhe afunda.
Buscai da Vida a verdade profunda
da qual sempre tivestes sede!

Pois a Vida é dada ao que A quer,
quem A busca sempre A encontra.
A estrada está aberta, plana e pronta,
bela e formosa tal qual a mulher.

O Caminho de Vida, pleno;
e para o teu ser, sublime!
Do altar então se aproxime,
Oh, meu eu, imortal e terreno!

São Paulo, 16 de agosto de 1995 A.D.

Ciência

A limnológica aurora da vida,
verdade absconsa do saber sonurmo,
na qual, dignamente, eu durmo
pela alosexia já esquecida.

A fintadora ciência humana,
perscrutando as épocas pregressas
nos vem com as hebetudes imersas
no pífiio enliço que o erro emana.

Íncola das trevas da arrogância,
planária descerebrada, orgulhosa,
senciente do fulgor de uma rosa
jaz em efêmeros frêmitos e ânsia.

Seu destino, inquinado e infausto,
longe do Almo Ser, vida sangüinolenta;
tua vaidade o prosaísmo aumenta,
sáfaro homem, inane e intrujão!
Criatura ignóbil, cujos males são
provenientes de teu próprio hausto.

São Paulo, 16 de agosto de 1995 A.D.

Poesia

Vais escrever nova poesia!
Eu, a mim mesmo dizia.
É que o espírito do poeta
acalenta a alma irrequieta
da bela arte das palavras,
haurida em alfabéticas lavras,
que o amor, ao ser, desperta.

Arte da pena serena,
das folhas da imaginação;
a poesia é como uma rena
cavalgada pelo coração.

Arte que do poeta é virtude,
revelando do seu ser o esplendor.
Canta a caneta, amiúde,
sem par, a beleza e o fulgor!

Fulgor das obras inteiras,
verdades sempre verdadeiras,
dos espíritos abertos ao além.
Poesia, és flor dos que acreditam
que ao observarem os fatos da vida fitam
os desígnios do Supremo Bem .

São Paulo, 16 de agosto de 1995 A.D.

Consciência

Prédica dos cruéis deuses, fancaria!
Paradigma; do palrar paroxismo.
Vereda nutante do impérvio cinismo
que a nefasta ignária viva faria.

Ilida a ilibação deste tugúrio:
o ulo do undícola leviatã.
Ínclito preconício do augúrio
da nolição do dia de amanhã.

Hécebras da postimaria da incoação
que cá deixa-me deveras cogitabundo:
Será infrangível este mundo
ou aclasto o alcândor da criação?

Tiade ubertosa do inconcesso,
ignota ilação da cosmurgia,
cessai do imperfectível indígete, a porfia
que os homens emanam do cerebral abcesso.

Esbrugue do agro elóquio,
cuja embófia é profícuo campo.
Eis a pecha que para além sampo
no devir alteroso deste colóquio:

Chã toleima, vitupério sobejo,
écbase putativa da síncrize desavida.
O ser epigenético é o qual vejo
na emérta ementa dessa vida.

São Paulo, 17 de agosto de 1995 A.D.

É...

Que sou? Poeta desconhecido,
ignoto ser de um tempo ido,
habitante da terra de ninguém.
Infeliz criatura sem beleza,
Na solidão amarga da tristeza
busco a paz que me convém.

Viajo nos instantes da lembrança
minha vida inútil, sem esperança;
vazio, na algidez de meu coração.
Oh, que desgraça mui fecunda,
a dor, de pranto, meu rosto inunda...
É, a mágoa é mais que emoção!

É a virtude assaz companheira
de uma demência derradeira
na qual Tanatos o amor destrói.
Soçobrando, por fim, o querer de si mesmo,
casca oca, largada na existência a esmo,
num fim obscuro, no qual viver dói.

São Paulo, 29 de setembro de 2002 a.D.

O chat

Imagino seu olhar distante... perdido....
Sua aparência cansada, abatida...
A mente vazia, vagando a esmo...
Sem saber para onde ir...
Na telinha letras pipocando...
De alguém que você não conhece...
Mas que, de alguma forma, está ligado a você...
à sua mente...
ao seu coração...
Letras digitadas por dedos que anseiam tocá-la.
Acariciar seus cabelos...
Seu rosto...
De alguém que adoraria ninar você...
...em seus braços....
Nessas horas difíceis.
Ser um berço para seu descanso...
te protegendo, ainda que por momentos,....
de tudo que há ao redor...
Fazendo um mundo pequenino...
mas que cabe em seu coração.
Por você.

São Paulo, 18 de agosto de 1995 A.D.

Vede!

Eis que vejo da horrenda tela
o apanágio do mal humano.
Expie! É crasso e ledó engano
a filogenia da aurora aquela.

O rutilante, porém fósmeo, dia
fruto da coonestação de nossa espurcícia,
pífia autarcia da matéria aditícia
que o funesto quadro a mim exhibia.

A implexa visão aparentava um mar,
mas minha sindérese não é correta
já que nela a psicastenía enceta
desatinos, chegando a paúra dar!

Mortes, pavor de mui amplo matiz
que a mentalidade humana tão tardia
se olhasse a imagem negaria
sê-la fruto de seu saber petiz.

Ora, crer que o ser tudo pode
é, certamente, bovarismo lôbrego.
Tudo acalenta este mau fôlego,
da cantilena à hodierna ode!

E é isso que gera a cepa funesta
ilustrada na visão que vou descrever.
Cria do homem, de todo o seu ser,
que, parida de uns, a humanidade infesta.

Olho, que emergindo de vulcão profundo
torpe lava, o sangue rubro do mundo,
enlura toda a boa obra humana;
exarando o clangor do ser ázigo
que é todo o homem em seu jazigo.
Fétido é o miasma que a alma emana.

Abochornada atmosfera envolve-o,
suas torrentes afluem para o álveo
a fim de tirar-lhe, pelo fogo, a vida.
O pluvioso postrídio não imaginando,
causado pela união das águas quando
a seca final for na Terra sentida.

Aí a violência virá dos infelizes
que pela ganância perderam as raízes
da justiça assim tão bruscamente.
Pois a fúria também na água existe,
para lavar do fogo a alma triste
e eliminar de vez sua pérfida mente.

Isto, a policresta visão de ninguém,
no íntimo da alma sentido tem,
espojando a lama das suas mãos.
Vede, ó homem, se reprimes
esta tua maldita sede de crimes
teus fazendo os ensinamentos cristãos.

Só assim a visão do poeta
silente, pertransirá quieta
o precógnito futuro teu.
Já posto que ele é perisso
se te aproximares de Deus, isso
será imagem que feneceu.

São Paulo, 31 de agosto e 1o de setembro de 1995 A.D.

Funérea era

Oh, solene tristeza a latejar a vista,
poema negro do tempo que escoá.
A vida cede, a morte a conquista,
segundo a segundo, uma luta à toa.

Clamor da forma imprecisa,
no relógio ouço os passos da Morte.
Perto, o Grande Dia, funérea sorte,
que abater as esperanças precisa.

E, em pouco tempo, me vou
para o vale das sombras eternas.
Morada lúgubre, na qual me internas
ó sânie, que meu sangue mudou.

Canto em meu teatro, o ataúde,
músicas de sonhos, dores, quimera!
Choro na vazia amplidão, amiúde,
o último ato de minha era.

E aplaudido sou, isto e sei,
pelo borbulhar da carne azeda.
Cobrem-me os vermes com sua seda,
este vil séquito fez-me seu rei.

Rei e ator da peça morta,
encenada em belo palco etéreo
encerrado na entranha do cemitério
pleno da nódoa que a alma aborta.

Doe-me o ventre, que agonia.
Custa-me crer que houve dia
em que, a esmo, vaguei feliz.
Agora cá estou... Desesperança!
Vida, fazei comigo nova aliança
perdoai se outrora não a quis.

Ouvi meus prantos e gemidos
que ecoam pelo sulfúrico gás.
Peço : Não olheis para atrás,
para os erros dos tempos idos.

Não sejais como um etopeu
mas vede o meu sólio de ruína!
O refugo desta carnificina
outrora foi o viril corpo meu.

Mas que adianta dialogar contigo,
soberana do bivaque perituro?
Por minha distansia eu juro
que, embora morto, sou teu amigo!

Que desgraça, perda, que desilusão.
Não fiquei, eu, a pensar no porvir.
Eis que chegou a hora de partir
estando, eu, com as "calças na mão".

Porcaria! Meu grito ecoa na parede
e retorna aos meus sensíveis ouvidos,
acabrunha até meus ossos frangidos
pela umidade da infinita sede.

Por que, por quê? Me pergunto.
Seria difícil ter pensado um minuto
em qual fim acabaria chegando?
Mas eis que só penso quando,
depois de um passado fajuto,
podre, ao pó da terra me junto.

Estultice é a essência do homem.
Vida procaz, sem sentido, ao léu;
raro é alguém ocupar-se com o céu,
com as próprias vidas os tolos somem.

Espanta-me loucura inimiga:
Um coração que a própria morte abriga,
uma existência imersa na tortura.
Cruel algoz, afundas-me em trevas!
Poderia, eu, argüir-te, porventura,
sobre os lucros que tu levas?

Que ganhais com meu sofrimento?
Por que fazeis questão desta desgraça?
Criatura sombria, vê se passa!
Voe embora! Imite o vento!

Mas esta é a verdade evidente:
Temos que pensar também no futuro!
As ações hoje são, do amanhã, apuro.
Não sede, ó homem, um incoseqüente.

Aqui estou a presenciar meu ocaso,
perdido e confuso em um labirinto.
Assombrado é fato e não minto!
Beneficiar-me-ia, a mentira, acaso?

Só tenho comigo uma crença,
aprendida à força quando vivo:
Nada ocorre sem algum motivo,
tudo concorre para que o Bem vença.

Por isso, se assim é, quem sabe,
se por mais imerso nesta podridão,
não haja uma chance de glória, então?!
Seria isto uma antítese espúria
ou o erro combatendo o Bem com fúria
é capaz de vencê-lo de modo completo?
Não seria est'outro o pensamento incorreto,
uma conclusão que na sentença não cabe?

São argumentos do se, do talvez.
Eu, no meio da lama, só vejo
o meu ser, excremento sobejo
de minha dura cerviz, feia tez.

Atuações nefastas levaram meus sonhos.
Já nem mais sei o que me reveste.
Estou acompanhado numa solidão agreste
por pequenos seres que me devoram risonhos.

Nitescência supernal da cena dantesca,
brilhando em meu funéreo palco derradeiro.
No orco, minha carne outrora quente e fresca
alimentará as raízes, quiçá, dum limoeiro.

Ou, talvez, de um simples capim!
É o ciclo da vida; a natureza o exorta.
Vive a vida de substância morta!
A vida devora inclusive a mim.

R. C. Zímmelr'

Decadência final da existência
de um, mal em prol da posteridade.
Como a água da chuva. Que sobriedade!
O viver, do morrer, é excelência.

São Paulo, 4 de setembro de 1995 A.D.

Ahhh !

Hei de vencer a tristeza,
Hei de vencer a agonia.
Hei de vencer, fantasia!
Hei de escrever a poesia.

Eis a certeza que sinto;
Ei-la, a promessa, minto?
Eis o sombrio labirinto;
Sim, do meu 'Eros' faminto.

Cale-se, boca, és minha!
Cale-se, saudade mesquinha!
Cálice de vigor e glória.
Hei de vencer a vitória;
Eis a vitória da História,
Ela que no tempo caminha.

Hei de ser o que posso!
Poderei ser o que pude?
Creio ser assim algo rude,
virtude do que é nosso.

Creio creres que cri,
Afinal, sei saberes de si!
Beleza que jamais vi,
Entregar-me-ei, juro, a ti.

Hoje e sempre. Isto hei!
Hei porque ora terei
a grandeza de ser rei!
Chefe do profundo fosso
que cerca a nossa grei
impávido, robusto, grosso.

Hei de vencer o que sou;
hei de ser o que ganhou.
Ganhei para ti meu destino...
Ser teu prisioneiro é divino,
ser teu "e" e não "ou".

Hei de erigir o muro
alicerçado em tua morada.
Aqui estou, almejada;
viver sem ti é mui duro.

Vivas comigo, querida.
Sintas a dor sentida
no espaço da emoção.
Da minha vida és duração,
não cesses meu tempo assim!
Sem ti, pobre de mim,
acabarei, eu, moribundo!
Maior é a tristeza que o mundo
por tua atual despedida.

Amo-te, donzela amada.
Tenho a alma roubada
pela criatura mais pura;
plena de doce candura,
quero-te e a mais nada!

São Paulo, 3 de setembro de 1995 A.D.

Poesia erótica

Oh, minha amada,
quero, eu, tocar-lhe as pontas rubras
que emergem de tuas carnes macias.
Envolva-me, com o teu corpo o meu cubras
nas mais fantásticas fantasias!

Sinta minhas mãos tocando a pele tua.
É magnífico ver-te ao natural, nua;
sentir o calor de teu corpo junto ao meu.
Teu aroma, teu frescor, tu me inebrias.
Amada minha, quero-te em mil orgias.
Lindo é o amor que em nós nasceu!

A tua fenda virginal penetro
qual rei, com meu poderoso cetro,
a fim de arrancar teus doces vagidos.
Satisfaz-me tua toca de amor.
Tomo-te inteira, corpo e calor,
úmida e quente. Que belos sentidos.

Teus lábios tocam-me sofregamente
para à minha unir a tua mente
no êxtase dessa volúpia. Carícia,
coisa tão suave, gostosa, delícia
que só tu, amada, podes me dar.
Dou-te minha força, ternura...
É sem par, amada, tua formosura.
Ao teu lado embriaga-me o ar.

Paixão arrebatadora que sinto!
Não suporta-a mais meu instinto.
Teus cabelos, nunca fazem-me delirar!
Apalpo e mordo teus seios, amada,
e sorvo em tua boca desvairada;
teu corpo contorces para mais excitar.

Mais, mais e mais! Quero-te inteira,
porque tu és ciência verdadeira,
da natureza és a criação mais bela.
Teus pelos, olhos, mãos que me tocam
fazem perder-me, no céu me colocam;
penso, então: "Que mistérios há nela?!"

Criatura amorosa, doce, perfeita.
Cujo contorno ao meu se ajeita
em um encaixe exato ... Meu afã.
Possuo-te, ó musa de meu ser;
desejo-te, és única, a que quero ter!
Nosso suor, o orvalho da manhã.

Some o mundo ao nosso redor,
este instante é todo perfeito.
Nosso mundo está aqui neste leito,
o que fora há que lhe seja maior?
Só Deus! Agradeço-O por ter-te feito,
ninguém saberia fazer-te melhor!

Na lascívia eu sou contigo.
Saboreio o sal de teu corpo amigo;
o corpo que deixa-me mui feliz.
Faces de nossas sublimes entranhas;
coisas que ocorrem de formas estranhas:
Nunca o teu corpo, mas a ti eu quis!!
Oh, minha amada.

São Paulo, 2 de setembro de 1995 A.D.

O foguete

Wernher Von Braun realizou
o que Konstantin Tsiolkovski ideou
e qual hodierna górgona petrificou
o mundo com o assombro que criou.

Esteno, Euríale e Medusa,
Filhas de Forco, na mitologia.
Este é filho pródigo da tecnologia
que a moderna ciência muito usa.

Mas de Robert Goddard não esqueçamos
ou do "Os quinhentos milhões de Begum".
Contagem regressiva: Três, dois, um...
Da era espacial Wernher e Korolyev são amos.
Porém, nisto que digo não há mal nenhum:
A arte cósmica apenas mal começou
e a muitos planos o homem se lançou.

Nas suputadas linhas o celeste traço
que toneladas em fúria vão percorrer.
Ei-lo, o foguete, um estranho ser
viajante da Terra destinado ao espaço.

Máquina planejada para dizer "ai!"
desde construída até seu instante derradeiro,
muitos técnicos acompanham-na, mundo inteiro,
seu lançamento e ascensão. O engenho vai!
Cuspindo fogo veloz qual estranho vulcão,
levanta ao céu sua ogiva preciosa.
Caminhas rudemente ó máquina orgulhosa.
Alivias o "peso morto" por meio de ejeção.

Suas turbobombas comprimem seu alimento.
Arde seu estômago em chama estreme.
Todo, o seu corpo, pela violência de si treme.
Sua maior carga é para o motor sedento.

Mas sua luta contra leis pouco dura,
breves minutos e já vais orbitando.
Se tudo ocorreu bem então é quando
sua carga útil ganha plena soltura.

Outros heróis tem destino diverso:
uns não chegam a orbitar, outros pelo universo
espalham-se seguindo destinos imprevisíveis.
Mas, a maioria dos Hércules de sua raça
trilha um caminho impelida por fumaça
a fim de descarregar em órbitas a vários níveis.

Levam satélites, naves, engenhos mestres;
todos úteis à fria ciência humana.
Foguete, és a ferramenta que emana
os maiores sonhos de nós, terrestres.

Sonhos de conquistas, de aventuras,
sonho de encontrar novas criaturas,
sonhos exagerados sobre o desconhecido.
Oh veículo que amplia a nossa capacidade
de sonhar, além da nossa realidade,
glórias do homem pequeno e perdido.

Rume, profícua nave de aço,
palinuro de nossa posteridade!
Galgue sua sêmita com hombridade.
Levai nosso coração até o Espaço!

São Paulo, 6 de setembro de 1995 A.D.

A Essência da Criatividade

Rembrandt, Renoir, Dali talvez...
Quem viu a forma do efeito,
aquilo que ainda não foi feito,
para quem não chegou a vez?

O vazio estimula a imaginação.
É do silêncio que nasce a canção.
A criatividade é coisa augusta.
Da mente humana é a cólica,
origem de sua natureza eólica
que ao tempo e lugar se ajusta.

A forma mais transcendente,
o mais natural delinqüente
das visões que os homens trazem.
Quem capturará a idéia?
Quem satisfará sua pornéia?
Em debalde luta todos jazem.

Mas esta busca monumental
de fato não é nenhum mal,
porque é profícua em criação.
A mesma idéia em mil cabeças
produz, disto não te esqueças,
milhões de sonhos. É a inspiração,
a mais linda balada seral
do amor no íntimo bacanal
da alma, a queimar com fogo são.

A idéia pura é coisa divina
que, presa na mente pequenina
do homem, explode em imagens mil.
Arrebatando se coração ao céu,
espalhando o seu olhar ao léu ;
pasma íncola do excelso redil.
Aprisco de toda a dialética
que analisa a forma céptica
da imagem jamais vista.
Mas, se usarmos a nossa lógica,
perceberemos a natureza mágica
dessa vitória sem conquista.

Um fim que não teve começo.
Um frio que abrasa e inflama.
Da água uma altaneira chama.
Da ambição humana o tropeço.

Idéia, que és de fato?
Serás sempre o abstrato
devaneio de nossa mente?
Minha musa, vinde a mim
o a refrega não terá fim!
Sintas o que minh'alma sente.

São Paulo, 28 de fevereiro de 1997 A.D.

TeleMundo

Eis-me diante da caixa sintética
a ver, entediado, a imagem cinética,
o ádito atual dos tempos idos,
"flash" de meu momento contemporâneo.
Grotesco semblante de meus sentidos,
és fogo brilhante de silício e germânio.

Defronte a mim o esgoto do mundo
a aborrecer os instantes da vida;
Tampa do abismo, imenso e profundo,
do vagar solitário da alma sofrida,
consume meu tempo, segundo a segundo.
A vida não vivida, apenas assistida,
tomada pelo fulgente flagelo flébil
que domina os rincões de meu grande Brasil.

Sua torpe alegria refaz-se na orgia
da minha consciência que se esvazia
por minha musa animada, mas fria.
Vampira do tempo de meu infeliz viver,
sonhando vidas que não poderei ter.

É, pois, muito triste quando se olha
não havendo, contudo, nada a ser visto!
Eis meu dilema, então será isto?
Chegamos a um paradoxo vulgar,
perdendo o precioso tempo da vida?
Como a areia da praia fustigada pelo mar,
sereno observo a caixa querida.
Oh, tela vítrea, que me delicias,
roubaste meus sonhos com tuas fantasias.

Espelho espectral da humana miséria,
"bola de cristal" em ti meus irmãos vejo,
vejo a vida louca, peremptória, funérea
e ignotas coisas passam a ser meu desejo,
sua massa de informações deletéria
rói minh'alma com encanto sobejo.
Flibusteira criatura, suserano duende,
será que alguém, de fato, a compreende?

Não dás tempo ao raciocínio nosso,
alternas tristezas com festivas alegrias;
já nem mais chorar consigo ou posso,
ainda que tornes minhas horas sombrias.
Sou eu um escravo de tua galimatias.

Criaste em mim um eu estranho,
um ente vazio, sem forma e tamanho,
tornaste meu riso tão tolo e fútil
que vejo-me, agora, mísero e inútil.

Vejo meu reflexo em rostos desconhecidos.
Dás-me amigos e incógnito me deixas!
Já não há quem possa ouvir minhas queixas!
Nós, telespectadores, fomos, enfim, vencidos,
e agrilhoados em tuas coloridas madeixas,
nos doces encantos das luzes e sonsidos:
imêmore essência da existência passiva,
do ser acefálico, da vida aíva.

A radiofreqüência, ó caixa boçal,
é epinício que canta em tua igreja;
o canto ubíquo, iníquo, sempre igual,
que em teu palco de vidro lampeja,
é para os homens pando portal,
pulquérria férula, vilã benfazeja.
Permitis que eu possa estar com meu irmão,
tua radiofreqüência porta meu coração.

Fazeis companhia à minha solidão,
solidão por ti mesmo causada!
Não me dás alegrias, não! Não!
Tua amizade é muito pesada!
Tenho apenas imagens de amigos,
que me desconhecem pelas mentiras tuas!
Quem passa se apressa pelas desertas ruas,
Já não há ninguém ou algo... Nada!

Devo-te o ilotismo, a adinamia,
a falta de rumo, senda ou destino;
ressecas-me mais que o sol a pino,
vezo-me no nada, no que eu queria.
Estou morto para a teleologia,
sou seu extrato: uma mente vazia!

São Paulo, 25 de agosto de 1995 A.D.

O trem de ferro

Ouve-se o aviso: Vai partir!
E parte o trem de ferro, fumegante
com a força de um gigante,
feito Fênix feroz.

Fazendo o seu caminho de esperança
finca fogo, fumo lança
fulgurante e veloz.

Caminha furioso a senda sua
sobe serra, corta rua,
não lhe há nenhum labéu.

Levando a sua carga pelo mundo
não perdendo um segundo,
percorrendo terra e céu.

Bate seus pistões com energia,
faísca roda, que euforia,
tens horário a cumprir!

Corre, logo chegas vigoroso.
Reduz, chia, chora vaporoso,
chegaste assim na estação.

Pára, freia fôlego de aço;
chorando sussurrastes ao espaço
que também tens coração.

São Paulo, 22 de janeiro de 1996 A.D.

ELEGIA A MEU PAI

Será possível cantar quem já pranteia a lousa,
Quem come o fósmeo sofrer desta vida dura,
quem por sobre a cabeça grande mágoa repousa,
quem em sã consciência almeja grande loucura?
Quem pode cantar se viver sequer ousa?
Quem pode viver se o canto já não perdura?
Louca, louca loucura, te tornaste senhora de mim,
o pobre e errante caminheiro desta jornada sem fim.

Haveria, samicas, resposta para algo assim banal?
O excídio das esperanças de um arrebol triunfante?
Talvez, em torpes aprestos de voga circunstancial
que queima a alma dos homens: avante! avante!
Avante ao destino comum de todo o ser animal,
inseto ou vegetal quer seja micróbio ou gigante;
faça força ou se deixe é um porvir necessário
que chega a qualquer momento, em qualquer horário.

Somos, então, pré-espectros no curso da vida,
titônia da tarda manhã... verdade crassa,
pesquisada, escrutada, por todos argüida;
exalçada, enludrada, cingida a esta raça.
Senda, vereda, caminho que é só de ida,
pando orco, tua infrangível vontade faça!
Destile teu fel na taça que me inflama,
tornai-me outra vez um monturo de lama!

Um adubo ruim para as eternas hortas,
neste ciclo sem fim que a dor executa.
Afinal, todas as realidades são mortas?
Será, o mundo, uma imensa gruta?
Jamais fecharás tuas horrendas portas?
Jamais nossa raça se entregará sem luta?
É, triste amigo, não és disgenético fulcro...
Todos os que vivem alimentam-se do sepulcro.

É para onde todo o alimento vai
antes de tornar-se nosso refez sustento.
Com distansia para ti foi meu pai
que passou pela vida qual lufada de vento.
Eliciado do mundo deixou-nos seu "ai!"
Seu grito de dor o qual esquecer tento.
Quem foi o meu pai hoje é repasto de vermes
no asilo malsão dos humanos inermes.

Podre, meu pai, branca flor da esperança,
Ândito onde brotara a tórrida semente alva;
lados quebrados de um esqueleto que dança
na inópia, fustigando a tua cabeça calva.
Imerso no prélio com sua dúbia pujança,
ázigo tal qual a andeja Estrela D'alva,
foste o herói dos primeiros tempos meus
e partiste para a refrega sem sequer um adeus.

Mas és herói e heróis jamais fenecem,
ainda que a helobdela do tempo sugue a tua glória.
Serás evictor do que ela te deixar sem!
É insofismável o que deixaste na memória
daqueles que sempre, em vida, te quiseram bem.
Isto os vermes não podem roer: A História!
Que conosco sempre viverá! Dia após dia fica,
mesmo que o tempo atrapalhe, tua lembrança mais rica!

Amante da haliêutica, foste grande seribeiro,
preletor dos amigos nesta arte supernal.
É unânime: para todos foste grande companheiro.
Nunca prodigalizaste para alguém qualquer mal.
Foste opima efígie do humano verdadeiro,
meu pai, de quem me orgulho, meu palinuro, meu sal.
Assim, mui honrado, como tua semente derradeira
carregar-te-ei comigo, em meu ser, a vida inteira.

Farto do sangue que flui de outras eras
sou de teu sêmel não mais do que o resto.
Desta tua linhagem que nobre é, deveras,
talvez eu não passe de excremento funesto.
Não sei o que de mim, pai, tu esperas,
não sei se o meu viver será assim policresto.
Desejo o gáudio como epígono de meus ancestrais,
epinício de nossas existências consubstanciais;
isto sempre foi para ti manifesto.

Esta elegia, pai, canta a dor imarcescível
da ausência que sinto, mas tenho certeza
que na realidade a vida é bem mais incrível
do que aparenta em sua atual natureza.
Talvez haja um outro mundo, invisível,
no qual o amor seja posto à mesa;
em que se beba o júbilo e a glória ilumine
o Eliseu Eterno, onde a morte termine.

São Paulo, 23 de março de 1997 A.D.

O Ataúde

As doces esperanças me fazem sofrer
e se sofro já não é sem um motivo,
se há algo chato em se estar vivo
é a amarga certeza de que se vai morrer!

É esse se, se, se tão repetitivo,
sino chiante do tempo esquivo,
da vida que se esvai por entre as mãos;
tormento infame para toda a alegria,
uma suave e eterna nostalgia
de todos os momentos finais e vãos.

A vida: melodia cega e sem flores,
pois a alegria, da morte, tem os olores,
é a fina flor do tempo além.
Sim, a morte sempre nos vem
Já não há o tempo que volve...
Sombria neblina que nos envolve,
serás, sempre, ladra de nossos amores?

Serás intrusa em nossas plagas,
alívio cruel das vidas agras,
soneto gentil, insueto e servil?
Musa triste da funérea sorte,
dor infinda de quem vive a morte,
torpe flagelo, quem já não te viu?
Desde o berço ou antes nos toca,
procura levar-nos para tua toca;
vai-te embora, para quem te pariu!

Pois se sou mortal a saúde,
mas não podes esperar, contudo,
que a ame, coisa sombria.
Tua presença é nefasta e esvazia
qualquer felicidade que eu possa ter.

Me persegues com a suprema lembrança
de que em meu peito encravaste tua lança
e que tua mão o meu futuro alcança
para levar-me sei lá para onde.
Que direito tendes? És senhor, conde?

Quem determina assim meu destino?
Mas se fores um mensageiro divino
que vais levar-me ao céu,
vinde logo, pois isso é, amiúde,
boa coisa, mesmo que o ataúde
seja sempre um sinistro labéu.

Seguirei a ti minha musa
dê-me a mão e então me conduza
para os lindos campos elíseos.
Meus gestos bons sempre frise-os
procureis esquecer meus pecados.
Pois desta vida sempre foram enfados
que logo quero esquecer.

Sede assim uma suave guia
minha mensageira sombria,
livrai-me da angústia e sofrer.
De forma que quando morrer
sejam ceifadas as dores da vida
mas as alegrias tenham guarida
para sempre no meu coração.
Quero levar só as boas lembranças
que a morte seja a vida que lanças
para a eternidade e além.

Para além do tenebroso destino,
para além do tempo pequenino
que pude usufruir aqui.
Não és termo, mas esperança estampada,
uma belíssima e ilimitada estrada,
glória maior que tudo o que sofri.

Se é para morrer que vivi
quero morrer para viver
nas doces entranhas de teu ser
musa eterna e sempre fiel
Beba comigo esta taça de fel.

São Paulo, 21 de novembro de 1996 A.D.

ANIMAAL

Miols que bolam minhas fobias,
química, química de meu pensamento,
cale a tristeza, há muito eu lamento
o desconhecido, as respostas vazias.

Vede minhas vísceras a recordarem
a animalesca essência de meu ser.
O sangue que jorra me faz morrer,
faz-me cair, podre, no chão,
faz-me abominável, que humilhação !
É desagradável saber-se animal
quando possui-se alma imortal !

Miols, que droga, que coisas mesquinhas,
pensares em si e a ti pesares,
medires, queres, lance aos ares
tuas endechas da vida que tinhas,
tuas queixas das noites sozinhas,
quando repousaste na palma da mão
buscando, à toa, tua consolação
somente somando o fogo das vinhas.
Da alma ébria, cheia de química,
de um cérebro escravo do futuro de si,
monte de lama, nobre, anímica,
fuja logo, pois, agora, morri !

São Paulo, 10 de janeiro de 2001 a.D.

O que eu quero

Corro, grito, vago errante
em um solitário deserto distante
numa busca frenética, insana,
atrás do que não me completa
louco fica meu coração de poeta
mas eu só quero você, Ana.

Trabalho incansável por riqueza
que sei que virá, tenho certeza!
Mas não por avareza tirana.
Pois tudo o que mais desejo
é seu calor, seu amor, seu beijo,
pois eu só quero você, Ana.

Sua ausência minh'alma oprime
Meu amor, meu anjo sublime,
Que encarnou-se em figura humana.
Alma-gêmea, de todas a mais bela,
Perdoe-me por esta poesia singela,
Porque eu só quero você, Ana.

Mesmo antes de conhecê-la a amava,
Minha inspiração sempre foi sua escrava,
Sem você minha vida se dana.
É por isso, querida musa, que digo:
Que a amo, ainda que seja seu amigo,
Afim, eu só amo você, Ana.

Se gostou das poesias, no livro completo há mais, incluindo uma parte com as histórias de cada uma delas, o que motivou serem escritas e como isso se deu. Em meu site há links para aquisição da versão completa tanto em EBook quanto na forma de livro físico:

www.itabra.com

Capa: imagem Gothic ruined chapel por J.Picton, edição pelo autor.